

(26/05/1996)

Onde está a urbanidade?

Nair Lacerda

Colaboradora

De vez em quando seria altamente salutar que os professores de Português reservassem alguns momentos para lembrar aos alunos a origem de certas palavras, na esperança de que passassem a agir de acordo com o que as ditas palavras pretendem significar. É evidente que não se pretende ir aos exageros de esmieuçamento a que se entregam gramáticos e filólogos, mas, simplesmente, ao uso correto de certas expressões.

Por exemplo: teria excelentes repercussões, em nossa vida cotidiana, o respeito, em termos de ação, pela etimologia da palavra *urbano*. Roma, a urbi, legou-nos a palavra que indica a diferença entre o rústico, o grosseiro, o não-civilizado, o não-urbano, o não-pertencente à cidade, e o quê, pertencendo à cidade, isto é, sendo *urbano*, seria, naturalmente, polido, delicado, civilizado. Ora, o que estamos vendo, nesta era de urbanofilia, nesta era em que toda a gente quer viver em cidades, faz questão de morar em cidades, de gozar as vantagens e confortos da cidade, é um esquecimento quase total do que significa ser urbano. Talvez seja necessário recorrer ao campo,

aos que convivem com os animais, com as plantas, para encontrar a urbanidade que está faltando aos urbanos. Por aqui, pelas cidades, o que vemos é o alastramento cada vez maior da absoluta falta de consideração de uns pelos outros, do império da grosseria aberta e franca, tão franca que chega a ser inconsciente.

Entre os *urbanos* tornam-se necessárias campanhas como a do Sujismundo — e note-se, sem qualquer resultado prático.

Entre os *urbanos*, é necessário, em dia grande de futebol, que se proíba a venda de álcool, para que não sejam vistos moços e moças emborcando, pelo gargalo, garrafas de cachaça sobre os capôs dos carros de luxo, em ruas de luxo. Entre os *urbanos*, começa a ser corrente, desde os mais altos escalões até a beira do cais, a linguagem brutal e suja, sem que dela escapem sequer as meninas bonitas, cujas avós tiveram lições de como calçar as luvas, de como se dirigir às demais pessoas, de acordo com sua idade e posição.

Discute-se poluição sonora, verifica-se que a presente geração começa a ter diminuição da capacidade auditiva, mas os ruídos inúteis continuam. Os automóveis, à madrugada, prosseguem impávidos, na meritória cam-

panha de perturbar o sono alheio, aquele sono tão necessário aos que começam sua luta, logo que o sol acorda, e as pessoas generosas continuam oferecendo os primores de seus rádios, graciosamente, aos vizinhos que ficam dentro do alcance máximo de seus aparelhos. Um autêntico *urbano* jamais deveria fazer tais coisas, porque são rústicas, grosseiras, não-civilizadas, exatamente tudo aquilo que o *urbano* não pode ser.

Urbanismo existe, urbanidade não. Erguem-se cidades e rebaixam-se os seus moradores. Aprimora-se a arquitetura e deformam-se as personalidades que poderiam apreciá-la. Abrem-se avenidas e o usuário delas transformam-nas em lixeiras. Constroem-se edifícios de apartamentos sem vedação acústica, na certeza de que cada qual saberá como pisa sobre a cabeça do outro, e há sapateios incontáveis a todas as horas do dia e da noite.

Uma grave doença está atacando a gente das cidades: falta de uma coisa muito simples, muito humilde, muito esquecida: educação. E, com isso, as urbes, cada vez mais asfaltadas, cada vez mais iluminadas, cada vez mais ruidosas, se vão tornando em imensas, tristes, malcheirosas favelas, que me perdoem os favelados bem educados que porventura existam por aí.